

SALMO 146

*Luiz Alexandre Solano Rossi**

1 Aleluia!

Louva a Iahweh, ó minha alma!

2 Enquanto eu viver, vou louvar a Iahweh,
vou tocar ao meu Deus, enquanto existir!

3 Não coloquês a segurança nos nobres
e nos filhos do homem, que não podem salvar!

4 Exalam o espírito e voltam à terra,
e no mesmo dia perecem seus planos!

5 Feliz quem se apoia no Deus de Jacó,
quem coloca a esperança em Iahweh seu Deus:

6 foi ele quem fez o céu e a terra,
o mar e tudo o que neles existe.

Ele mantém para sempre a verdade:

7 fazendo a justiça aos oprimidos,
dando pão aos famintos;
Iahweh liberta os prisioneiros,

8 Iahweh abre os olhos dos cegos,
Iahweh endireita os curvados,
Iahweh ama os justos.

9 Iahweh protege o estrangeiro,
sustenta o órfão e a viúva;
mas transtorna o caminho dos ímpios.

10 Iahweh reina para sempre,
O teu Deus, ó Sião, reina de geração em geração!
Aleluia!

Introdução

O Salmo 146 pertence à família dos Hinos (8; 19; 29; 33; 100; 103; 104; 111; 113; 114; 117; 135; 136; 145; 147; 148; 149; 150) e, de acordo com alguns autores

* Professor-adjunto da PUCPR no Mestrado em Teologia. Pós-doutor em História Antiga (Unicamp) e em Teologia (Fuller Theological Seminary). E-mail: luizalexanderrossi@yahoo.com.br; site: www.luizalexanderrossi.com.br

(BORTOLINI, 2000; BALLARINI, 1995; WEISER, 1982), a principal característica desse grupo de hinos é o louvor a Deus por sua ação na história, criando e libertando.

É possível determinar uma estrutura elementar que serve de categoria geral a todos os hinos. Segundo Asensio (1997: 302), os hinos possuem uma tríplice estrutura que se apresenta da seguinte forma: começa em geral com uma introdução explícita no imperativo. Esse convite é formulado provavelmente por um diretor do coro a um grupo ou ainda a toda assembleia. Logo após temos a parte central ou corpo do hino que constitui um relato de todos os feitos ou qualidades de Javé e, logo após, a parte final do hino que recorre a expressões de júbilo e louvor da introdução.

O Salmo 146 inicia com um exuberante “Hallelu” (Aleluia) que vem a ser o imperativo plural para louvor. E é necessário salientar que Javé é o único objeto de louvor. Vale a pena ressaltar, seguindo as conclusões de BALLARINI (1985: 61) que o hino bíblico nesse sentido se afasta da poesia oriental extrabíblica que, a partir de seus hinos, podia celebrar tanto os deuses como os heróis. Mas não se pense que isto ocorra por causa de um capricho divino de Javé, mas sim porque Ele se apresenta como o único Deus que liberta em contraposição às miríades de deuses que causam a opressão. Pois era exatamente essa a situação no Antigo Oriente Próximo onde o deus triunfante e organizador do cosmos era, ao mesmo tempo, o patrono da dinastia reinante e protetor da cidade-estado que detinha a hegemonia política. Tal é o caso de Marduque da Babilônia, de Amon no Egito e de tantos outros. Deuses como esses, de acordo com Croatto (1985: 45) transformam-se facilmente em arquétipos da dominação de um povo sobre outro.

Conseqüentemente, se o mundo é sagrado e pertence aos deuses, pois foi por eles organizado, logo a marginalização do ser humano é inevitável. O mundo não tem lugar para ele. Seu destino é trabalhar para os deuses. No antigo Oriente Próximo, isso é bastante claro: a economia estava centrada no templo, que compreendia o palácio do rei, e o ser humano possuía somente uma implicação econômica e nada mais. Os deuses, que eram os legítimos proprietários da terra, tinham no rei o seu representante na terra que, por isso mesmo, possuía algo de divino. Dessa forma, tudo o que de algum modo se relacionasse com o divino poderia ser monopolizado pelo rei. Essa é uma forma muito disfarçada de justificar o poder absoluto do rei, que podia então dispor da riqueza do país, exigir pesados tributos e impostos ou dispor de trabalhadores para as suas necessidades.

O louvor ao Senhor da história e da vida

Quando louvamos ao Deus que age na história, protestamos contra o *status quo* existente onde a injustiça e a opressão prevalece. E esse louvor somente pode acontecer porque o Deus que se louva é um Deus de justiça e de fidelidade e que cuida daqueles que são vulneráveis e sem força. Conseqüentemente, o ato de louvar a Deus não pode ser entendido (e contemporaneamente muitas igrejas não conseguem entender o significado do louvor) como uma simples reunião para cantar, cantar e cantar. Ao contrário, nós nos engajamos em um ato subversivo quando louvamos porque no louvor

reivindicamos que a vida seja plena e com qualidade para todos. No louvor, portanto, proclamamos que o caminho de Deus, e não o caminho do injusto, é que prevalecerá. Louvor, nesse sentido, não é sinônimo de alienação, mas de exaltação do Deus que age na história para libertar.

Porque a ação de Deus acontece na história, conseqüentemente, o louvor durará para sempre: “enquanto eu viver” e “enquanto existir”. Simultaneamente à ação de Deus na história, que é a história de cada um de nós, acontece o louvor. Enquanto existir história existirá o louvor ao Deus que age em meio à história.

O verso 10 nos conduz para a celebração do reinado eterno de Deus. Somente Javé que reina de eternidade a eternidade pode conduzir seu povo pelo caminho da justiça. A história é eterna por causa da eternidade do reinado de Deus. Dessa forma, o salmo dá plena garantia que o direito dos mais vulneráveis está garantido não somente hoje, mas enquanto o reinado de Javé existir.

Catequese no templo

Possivelmente estamos no ambiente do Templo de Jerusalém. No templo acontece uma catequese libertadora. Muito diferente dos sermões e homilias que são promulgados em nossos templos que perdem completamente a radicalidade do projeto do Reino de Deus, esvaziando sua mensagem e apenas confortando e reconfortando a alma dos fiéis que se aglomeram nas igrejas. Para essas pessoas, Deus é mais um analgésico para os dramas da vida e, por isso, é possível visitá-lo no templo apenas uma vez por semana a fim de buscar um pouco mais de analgésico a fim de enfrentar os problemas de mais uma semana que se aproxima. E é precisamente nesse ambiente que os ouvintes são aconselhados a não colocarem sua segurança nos poderosos e em seus planos. Esse projeto de vida será malsucedido enquanto aqueles que colocarem sua confiança em Deus obterão a resposta desejada. De forma interessante o salmista nos mostra que podemos de fato confiar em Javé a partir de uma tríplice fundamentação, enquanto a vida dos poderosos e seus planos se desintegram no ar. Senão vejamos:

O nome da divindade, que é citado inúmeras vezes no salmo, destaca-se a partir de várias representações. Num primeiro momento a divindade é chamada de “Deus de Jacó” que imediatamente nos leva ao tempo dos patriarcas e das promessas; logo após ela é chamada de “Javé” e, nesse caso, nossa mente viaja até a escravidão do povo no Egito e sua conseqüente libertação e por último e não menos importante, a divindade é chamada de “seu Deus” que expressa de forma segura e eficaz a aliança. Portanto, ao olhar para o tríplice fundamento – promessa, libertação, aliança – percebemos que nos encontramos dentro da história e, a partir dela, podemos viver e experimentar o projeto de Deus.

Como Javé age na história? O salmista é um observador e, por isso, faz uma lista enorme e repleta de significados:

1. Fez o céu e a terra
2. Mantém sua fidelidade para sempre

3. Faz justiça aos oprimidos
4. Dá pão aos famintos
5. Liberta os prisioneiros
6. Abre os olhos dos cegos
7. Endireita os encurvados
8. Ama os justos
9. Protege os estrangeiros
10. Sustenta o órfão e a viúva
11. Transtorna o caminho dos injustos
12. Reina para sempre

Tudo o que é sólido se desmancha no ar

Fala-se em “poderosos” (3a) e “injustos” (9b) no salmo. Quem seriam eles? O salmista está em público e publicamente cita aqueles que invertem o projeto de Javé e que, por isso mesmo, não devem ser vistos como um ancoradouro seguro. A partir de um contraste, o salmista deixa tudo muito claro: enquanto os poderosos que agem de forma injusta são passageiros, Javé “reina de geração em geração” (v. 10). Não somente os poderosos injustos perecem, mas também seus planos são descartados. Ou seja, a obra das mãos dos injustos não tem lugar entre aqueles que se apoiam unicamente em Deus. Os injustos elaboram planos que não possuem fundamento algum. A beleza e relevância da teologia sálmica nos brinda com a descrição da futilidade do ser humano que se acha na condição de poderoso e eterno! Lembro-me do relato da Torre de Babel em Gênesis 11, 1-9, no qual aqueles que queriam construir um nome são, de uma forma completa e total, confundidos pela ação do próprio Javé, enquanto em Gênesis 12,2 o nome do migrante Abraão será lembrado para sempre (“Eu farei de você um grande povo e o abençoarei; tornarei famoso o seu nome, de modo que se torne uma bênção”).

Nunca é demais chamar à memória o Salmo 1,6: “Javé conhece o caminho do justo, mas o caminho dos ímpios perece”. Um texto que novamente nos coloca em contato com os justos e os injustos já conhecidos do Salmo 146. Não podemos confundir um com o outro. Entre eles existe uma diferença abissal. Representam, na verdade, dois estilos e práticas de vida completamente diferenciadas. Dito de outro modo, a permanência e sobrevivência dos injustos está atrelada radicalmente à manutenção de situações de violência, pobreza e de sofrimento. Pode-se dizer que se temos os justos de um lado da corda encontramos os injustos no outro extremo. A raiz da palavra “injusto” em hebraico aparece no Antigo Testamento como o mais importante antônimo de justo. O injusto, acima de tudo, é caracterizado pelo comportamento negativo. Assim sendo, poderíamos relacionar alguns:

- péssimo comportamento social, isto é, assassinatos e atos de violência

- aquele que ameaça a vida de um compatriota (Jr 5,26; Pr 12,6)
- aquele que tira a vida de uma pessoa inocente (2Sm 4,11)
- aquele que odeia o justo
- aqueles que são poderosos opressores do pobre, da viúva e dos peregrinos.

São comportamentos que negam a vivência comunitária e, portanto, podem ser considerados como comportamento antidivino. Ações que não defendem o espaço comunitário e o bem coletivo, mas sim procura o bem pessoal mesmo que à custa do bem coletivo. O que o projeto dos injustos produz? É um projeto que tem como meta a produção do caos social. De acordo com Bortolini (2000: 602) o texto apresenta “sete grupos sociais de excluídos da vida e explorados” pelos injustos.

A injustiça e a violência atingem pessoas reais. Homens e mulheres que têm endereço, família e direito à vida. Mas que, entretanto, lhe são negados. Quem são as vítimas da injustiça? As vítimas ocupam lugar de relevância na literatura bíblica: o indivíduo concreto e sua família aparecem como vítimas dos opressores. Pessoas que foram submetidas à violência e à injustiça e, conseqüentemente, se tornaram vulneráveis. Os pobres apresentados na Bíblia são pobres reais, em sentido sociológico. Pessoas com menos possibilidade de se realizarem na sociedade, de desenvolver sua criatividade, de ser autônomo e livre. As vítimas apresentadas no Salmo 146 não são produto da natureza. Nem muito menos podemos afirmar que elas existam por vontade divina. Ao contrário, as vítimas aparecem no cenário da história como fruto da ação dos vitimadores. As vítimas não fizeram opção pelo sofrimento, pela fome e pela pobreza... elas assumiram forçadamente papéis que não deveriam viver.

Os termos logo abaixo englobam pessoas que padecem as injustiças das autoridades, a cobiça dos falsos profetas, a corrupção dos que detêm todo tipo de poder. Essas vítimas pertencem sem dúvida à população camponesa, mas não podemos excluir outros grupos, localizados talvez em Jerusalém. São pessoas inocentes, que morrem nas mãos de criminosos (Jr 2,34), sem que os reis façam alguma coisa (Jr 22,3); pobre gente despojada de tudo (Jr 5,25-28); imigrantes, órfãos e viúvas oprimidos, sem que ninguém defenda seus direitos (Jr 7,6; 22,3); escravos submetidos ao vaivém das decisões arbitrárias de seus donos (Jr 34,8-22); operários que devem trabalhar de graça por vontade de um rei injusto (Jr 22,13).

Também encontramos os termos que se referem aos agentes da opressão. Grupos que detêm o poder político, econômico, social e religioso são frequentemente relacionados como os sujeitos causadores da opressão e da violência. A acusação bíblica, principalmente profética, contra os ricos das cidades, grandes proprietários de terras, classes dirigentes e outros mais, indicam uma crítica total que afeta tanto as pessoas privadas quanto ao próprio sistema. Pessoas que se aproveitavam dos fatos e fomentavam situações injustas que tanto os beneficiavam.

No Salmo 146, a ação dos injustos acontece sobre diferentes destinatários que vivem à margem da sociedade: oprimidos, famintos, prisioneiros, cegos, encurvados, justos, estrangeiros, órfãos e viúvas. Além disso, a literatura bíblica registra uma série

de agentes sociais que agem de forma prejudicial e que, por isso, atentam contra a vida dos mais vulneráveis. A lista a seguir nos dá uma certa noção:

vítimas	agente da violência e opressão
Pobre	chefes políticos
Fraco	chefes militares
Justo	reis, filhos do rei, rainha
Indigente	arrecadadores de impostos
Estrangeiro	Usurários
Órfão	senhoras nobres
viúva	Credores
assalariado	sacerdotes e falsos profetas
escravo	Latifundiários
trabalhador	Juízes
jovem	ministros do rei

As vítimas da ação dos injustos são os órfãos, a viúva, os pobres, o nu e os famintos. Deus é o salvador dos pobres, porque os ricos e poderosos não necessitam de salvação, pois já possuem tudo quanto precisam para viver. John F. Alexander (1975: 57) observou que “os órfãos, as viúvas e os estrangeiros, cada um tem cerca de quarenta versos que lhes reclamam justiça. Deus deseja deixar muito claro que, em um sentido especial, ele é o protetor destas pessoas fracas”. A justiça não pode ser promovida de forma abstrata, mas somente em relação às situações desumanas em que vivem órfãos, viúvas e estrangeiros (devemos relembrar que órfãos, viúvas e estrangeiros são um sinônimo bíblico para o “pobre”).

Ao que parece esse é o padrão da experiência bíblica que nos lembra que, em Israel, os reis eram julgados conforme defendiam os desamparados da sociedade (tais como as viúvas, os órfãos e os estrangeiros) dos abusos dos mais ricos; ou nos lembra ainda da voz do profeta Amós se levantando para condenar os habitantes da cidade de Samaria que viviam se divertindo e não agiam solidariamente para com aqueles considerados “miséria de José” (Am 6,1-6). Nesse mesmo espírito, podemos mencionar Javé, o Deus de Israel, que não faz acepção de pessoas, dá pão ao órfão e à viúva (cf. Dt 10,16-19).

A ação de Deus na história

Vimos que a principal característica dos Hinos é a ação de Deus na história. E, conseqüentemente, toda vivência e experiência de e com Deus tem como palco a história. Assim sendo, toda teologia, e poderíamos falar também em teologia do louvor, deveria nos inserir cada vez mais na história que construímos dia a dia. Não existe teologia sem história, assim como não existe ser humano sem biografia. Somente podemos

entender quem somos a partir do momento em que relacionamos com o transcendente na história. A ela estamos irremediavelmente ligados e, por meio dela, podemos viver a experiência do encontro e da transformação.

Pode-se dizer que a ação de Deus se manifesta libertadoramente onde se encontra o derrotado, o pobre, a vítima e o doente. Não há razão para procurá-lo em outro lugar. Javé é Deus a partir de acontecimentos históricos concretos. Por isso, devemos estar atentos ao que se passa ao nosso redor. Caso contrário, corremos o risco de um desencontro teológico cuja linguagem se recusa a abandonar a história em busca de um princípio meta-histórico no qual as contradições da história são reconciliadas transcendentalmente. Não devemos procurar pela presença de Deus onde ele não se encontra, mas sim onde sua presença é certa e o seu ser-falar-agir possui a dinâmica libertadora que lhe é peculiar. Segundo Alves (1986: 90), “A linguagem bíblica a respeito de Deus não descreve uma ontologia ou de uma metafísica. Ela se refere ao que aconteceu, o que acontece e o que pode acontecer na história”.

A experiência do êxodo pode ser lida como exemplo de uma história de encontro. Ela mostra a relação intrínseca entre o Deus libertador, que se insere na história, e o povo, que vive na periferia da história. Deus usa uma situação histórica de dor e de derrota para se revelar e, assim, agir. Ele se manifesta para ser veículo de liberdade. Sua manifestação é intencional. Sua presença não é desinteressada. Javé não está mais nas alturas, local onde os povos nos tempos do Antigo Testamento imaginavam ser a morada de Deus. Por causa disso temos a tendência de localizar a revelação de Javé na história do povo oprimido em uma situação de antívida. A teofania é, portanto, o projeto da história de Javé libertador, irrompendo na anti-história, levando-nos a compreender o seu domínio sobre a própria história da humanidade. A libertação dos escravos estava no coração de um Deus solidário. A passagem seguinte torna claro o propósito multifacetado de Deus no Êxodo: “Eu ouvi os gemidos dos filhos de Israel, escravizados pelos egípcios, e me lembrei da minha aliança. Portanto, diga aos filhos de Israel: Eu sou Javé. Eu tirarei de cima de vocês as cargas do Egito. Eu os libertarei da escravidão e os resgatarei com mão estendida, fazendo justiça solene. Eu os adotarei como meu povo e serei o Deus de vocês, aquele que tira de cima de vocês as cargas do Egito” (Ex 6,5-7).

A tradição do êxodo nos mostra uma divindade de densidade histórica, ou seja, um Deus que desce dos céus justamente para se encontrar com a dor humana: “Iahweh disse: Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir para uma terra fértil e ampla, terra onde corre leite e mel...” (Ex 3,7-8). Na teologia bíblica do êxodo, Deus não se encontra nos céus, mas na terra, e peregrinando com o povo sofrido.

A revelação de Javé se faz concreta num caminho que desvenda o desejo de Deus em revelar seus atos libertadores na história das pessoas que sofrem e que são vitimizadas pela sociedade. Como diz Gutiérrez (1984: 328), “Javé é um Deus que age desde o reverso da história”, ou seja, atua na impossibilidade dos que não têm condições de gerar história. Age numa situação de plena antívida, de opressão, para criar um projeto sociopolítico e igualitário. A história do ser humano passa a ser o lugar privilegiado em que Javé revela a sua face. Ela é a experiência do encontro com Deus que vive e

participa da luta pela libertação, comprometido com a transformação da realidade para a libertação dos oprimidos.

Ler o Salmo 146 com os olhos de Jesus

No entanto, a percepção de Javé agindo na história não é restrita às páginas do Antigo Testamento. Também no Novo Testamento nos deparamos com a mesma densidade histórica. O Evangelho de João nos apresenta o Cristo se encarnando e assumindo a história humana como verdadeiro protagonista. Novamente uma clara indicação de que o melhor lugar para se encontrar com a divindade não é o céu, mas sim a história humana ou, por que não dizer, encontrá-lo a partir das dores e sofrimentos de todos aqueles que vivem na periferia do mundo.

Ao ler o projeto de vida assumido por Jesus não há como negar que ele constrói sua vocação, espiritualidade e ação tendo como horizonte os hinos sálmicos e, principalmente, o 146, que é objeto do nosso estudo. Parece-me que lendo o Salmo 146 podemos ver Jesus e olhando para Jesus podemos ver o rio do Salmo 146 passando por ele:

Mateus 5,1-12

Jesus viu as multidões, subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos se aproximaram, ² e Jesus começou a ensiná-los: ³ “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. ⁴ Felizes os aflitos, porque serão consolados. ⁵ Felizes os mansos, porque possuirão a terra. ⁶ Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. ⁷ Felizes os que são misericordiosos, porque encontrarão misericórdia. ⁸ Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. ⁹ Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. ¹⁰ Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. ¹¹ Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. ¹² Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu. Do mesmo modo perseguiram os profetas que vieram antes de vocês.”

Lucas 4,14-21

¹⁴ Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e sua fama espalhou-se por toda a redondeza. ¹⁵ Ele ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam. ¹⁶ Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábado entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. ¹⁷ Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: ¹⁸ “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, ¹⁹ e para proclamar um ano de graça do Senhor.” ²⁰ Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. ²¹ Então Jesus começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabam de ouvir.”

Lucas 6,20-26

²⁰ Levantando os olhos para os discípulos, Jesus disse: “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence. ²¹ Felizes de vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes de vocês que agora choram, porque hão de rir. ²² Felizes de vocês se os homens os odeiam, se os expulsam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês, por causa do Filho do Homem. ²³ Alegrem-se nesse dia, pulem de alegria, pois será grande a recompensa de vocês no céu, porque era assim que os antepassados deles tratavam os profetas. ²⁴ Mas, ai de vocês, os ricos, porque já têm a sua consolação! ²⁵ Ai de vocês, que agora têm fartura, porque vão passar fome! Ai de vocês, que agora riem, porque vão ficar aflitos e irão chorar! ²⁶ Ai de vocês, se todos os elogiam, porque era assim que os antepassados deles tratavam os falsos profetas.”

Conclusão

Sabendo que Deus se revela na história e para a liberdade, surge uma pergunta: como perceber a presença de Deus hoje? A indicação que demos acima leva-nos a optar por aqueles que vivem na periferia do mundo. Isto porque cremos que, onde há maior necessidade de vida abundante, é ali que Deus se revela. Deus foi, é e sempre será o pai do órfão, o protetor da viúva, o descanso para o estrangeiro e o restaurador do oprimido.

Aprofundando a resposta à pergunta que fizemos, diríamos que Deus não está exclusivamente nas catedrais, cultos e corais; mas muito mais na vida do povo sofrido. Karl Barth (1986: 352) sinaliza o caminho: Deus coloca-se ao lado dos pobres... Não há nenhuma passagem na Bíblia em que sejam proclamados os direitos dos ricos e onde Deus apareça como o Senhor e salvador dos ricos e de sua riqueza. Ao contrário, há passagens em que são proclamados os direitos dos pobres. Como também não há nenhuma passagem na Bíblia em que seja tributada às riquezas qualquer coisa semelhante a louvor, em que as pessoas ricas sejam confirmadas e exaltadas. Ao contrário, os pobres são enaltecidos como bem-aventurados, são designados de eleitos de Deus, a palavra pobre é sinônima de o justo... Aquele a quem a Bíblia chama de Deus toma partido em favor dos pobres.

Entre tantas belíssimas expressões do Salmo 146 uma se destaca: “Ele mantém para sempre a verdade”. Mas o que é a verdade? Estamos diante de uma pergunta que se relaciona com uma das principais questões de todos os tempos. E de forma simples o salmista nos indica que o critério da verdade é a proteção daqueles que são vulneráveis e que, por isso, precisam viver e sobreviver à margem. Nesse sentido, a verdade se configura e é mantida a partir da ação de Javé em relação aos enfraquecidos pela ação dos injustos.

Não é por menos que encontramos no Salmo 146 muitas palavras para descrever a ação de Javé a favor daqueles que sofrem na história, mas encontramos uma só palavra para sepultar irremediavelmente os injustos e todos os seus planos. Para os pobres Javé é extravagante no uso das palavras, mas em relação aos ímpios é econômico.

Bibliografia

ALEXANDER, J.F. “The Bible and the Other Side”, *The Other Side* 11, n. 5 (September-October 1975).

ALVES, R. *A Geração do Futuro*. Campinas: Papyrus, 1986.

ASENSIO, V.M. *Livros sapienciais e outros escritos*. São Paulo: Ave Maria, 1997.

BALLARINI, T. *A poética hebraica e os salmos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BARTH, K. *Dádiva e Louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BORTOLINI, J. *Conhecer e rezar os salmos: comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.

- CROATTO, J.S. “Os ídolos da Opressão e a Busca de um Deus Libertador”. In: *A Luta dos deuses*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GOTTWALD, N. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GUTIÉRREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Vozes, 1986.
- SABOURIN, L. *Le Livre des Psaumes*. Paris: Du Cerf, 1988.
- WEISER, A. *The Psalms*. London: SCM Press, 1982.